

O REGICÍDIO NA IMPRENSA SUÍÇA¹

No dia 1 de Fevereiro de 1908, na Praça do Comércio em Lisboa, Manuel Buiça e Alfredo Costa atingem mortalmente o rei D. Carlos e o seu filho primogénito Luís Filipe, sendo em seguida abatidos. O objectivo visado é claro: decapitar a família real. O jovem príncipe D. Manuel – apenas ligeiramente ferido no atentado – encontra-se agora, contra a sua vontade, à frente do Estado. A monarquia não terá mais que 32 meses de vida durante os quais se vão suceder seis governos.

Este duplo assassinio desperta o interesse por Portugal² em toda a imprensa europeia. A imprensa suíça não é excepção: até os jornais diários regionais fazem referência ao país praticamente ignorado nesse início do século XX³. Alguns jornais fazem edições especiais, nomeadamente o *La Liberté* e o *Journal de Genève* na tarde de domingo, dia 2, o *Basler Nachrichten* e o *Vaterland*, na segunda-feira, dia 3.

A grande maioria dos jornais condena o duplo assassinio, como se verifica no artigo publicado na *Gazette de Lausanne* no dia 3 de Fevereiro:

«O regicídio é um crime odioso, como qualquer atentado à vida humana. É um crime particularmente absurdo porque nunca – e ainda bem – serve a causa dos que o praticam.»

O diário de Lausanne compreendeu que o objectivo do atentado não era o primeiro-ministro João Franco, mas sim a família real no seu conjunto e, portanto, o regime monárquico⁴.

¹ Este artigo é um adaptação actualizada dum sub-capítulo da minha tese de doutoramento *Suisse-Portugal. Regards croisés, réalités et représentations*, que defendi em Maio de 2003 na Faculdade de Letras da Universidade de Genebra.

² Cf. Margarida Magalhães Ramalho, *Rei D. Carlos*, Lisboa, 2001, em especial pp. 186-191.

³ Na *Gazette de Lausanne* de 27 de Novembro de 1907 lê-se «*seguimos com um olhar desatento o que se passa no interior de Portugal*».

⁴ La *Tribune de Genève* de 6 de Fevereiro sublinha igualmente que foi D. Carlos a vítima e não João Franco.

Reto Mónico

Investigador Independente

Société d'Histoire et d'Archéologie de Genève

As condenações ao atentado multiplicam-se a par dos comentários e das análises. A imprensa interroga-se sobretudo sobre os aspectos fundamentais do regicídio, primeiramente sobre os autores e os seus eventuais mandatários e depois sobre as suas causas profundas. Coloca-se finalmente a questão do futuro da monarquia portuguesa.

Em geral, os jornais suíços estão limitados a conjecturas⁵. Nada se sabe do atentado, dos seus preparativos e autores. Ainda hoje, só podemos lançar hipóteses, sem apresentar provas, porque as peças da investigação do crime desapareceram. Há *grosso modo* duas tendências entre os historiadores portugueses que estudaram este período: os que afirmam que o assassinio foi um acto isolado de Manuel Buiça e Alfredo da Costa⁶; e os que, contrariamente, pensam que se tratou de uma conspiração do partido republicano e da oposição monárquica⁷.

Na época, os jornais suíços não podiam ir além de vagas suposições. No entanto, um comentário publicado no *Basler Nachrichten* de 9 de Fevereiro revela grande perspicácia:

«O inquérito oficial sobre o atentado não revela nada. Talvez seja intenção do governo ocultá-lo. Não se pretende agitar ainda mais o país. Além disso, neste momento não é de excluir que os partidos no poder receiem ser comprometidos se houver um inquérito rigoroso.»

Um artigo publicado no *Neue Zürcher Zeitung*, de 3 de Fevereiro, refere-se à probabilidade do envolvimento dos republicanos portugueses no atentado⁸. O diário de Zurique não faz distinções, considerando que todos, republicanos, miguelistas, anarquistas, «progressistas» e «regeneradores», teriam interesse em desembaraçar-se do rei, ainda que por motivos diferentes. Desresponsabilizam João Franco e valorizam, com pouco espírito analítico, a importância do decreto de 31 de Janeiro que é apenas uma peça do puzzle.

O *Bund*, particularmente escandalizado com a morte do jovem príncipe, fala de um grupo de conspiradores, mas não adianta nada em relação aos mandatários do crime⁹.

Segundo o *Le National Suisse*, trata-se «de um *complot* organizado [...] por alguns indivíduos impelidos a comportamentos violentos face à política de João Franco»¹⁰.

⁵ Segundo o *Emmenthaler Blatt* de 12 de Fevereiro de 1908, por exemplo, tudo o que foi dito sobre o atentado é conjectura.

⁶ João Medina, «A Monarquia contestada», in *História de Portugal*. Vol 9. *A Monarquia Constitucional*, Alfragide, 1993, p. 319. A H. De Oliveira Marques, na *História de Portugal*, Vol III, p. 43 afirma que D. Carlos e o seu filho «caíam assassinados em Lisboa por elementos republicanos actuando individualmente». No entanto, na obra *Portugal. Da Monarquia para a República*, [Lisboa, 1991, pp. 693-94] o mesmo historiador, apesar de afirmar que «o assassinato integrava-se nos costumes da época», fala da existência de uma conspiração para eliminar Franco que, em desespero de causa, atingiu o rei e o seu filho. Isso mesmo é escrito no *Courrier de Genève* de 6 de Fevereiro: «Não podendo atingir o ministro, muito bem guardado, os conspiradores decidiram massacrar a família real, pouco protegida, por excesso de confiança do Rei no seu povo». Esta versão é contestada por Rui Ramos [*A Segunda Fundação*, Lisboa, 1995, p. 294]: «[...] o atentado contra a família real não foi um acidente. Os assassinos cumpriram exactamente a missão de matar quem interessava matar. Franco não podia fazer outro D. Carlos, mas D. Carlos podia fazer um outro João Franco.» Segundo Rui Ramos, Afonso Costa e o seu amigo José de Alpoim, chefe da esquerda monárquica, estavam provavelmente a par dos preparativos do atentado. Fernando de Castro Brandão escreve em *História Diplomática de Portugal. Uma cronologia* [Lisboa, 2002, p. 261]: *D. Carlos assassinado por regicidas republicanos e maçónicos.*

⁷ Cf. Rui Manuel da Costa Neto, «O regicídio de 1908» in *História*, Novembro de 1996, pp. 11-25. Miguel Sanches de Baêna, *Diário de D. Manuel e estudo sobre o regicídio*, Lisboa, 1990.

⁸ *NZZ*, 3 Fevereiro de 1908 (A 1).

⁹ «Königsmord in Portugal», *Der Bund*, 3/4 Fevereiro de 1908.

¹⁰ *Le National Suisse*, 7 Fevereiro de 1908. No mesmo número, pode ler-se a propósito de João Franco «O homem funesto compreendeu a parte pesada da responsabilidade que lhe cabe neste caso trágico[...]» Quatro dias mais tarde, o órgão radical de Neuchâtel volta ao assunto: «Todos os derrotados têm direito à piedade ou à clemência, mas Franco fará melhor se se esforçar por passar despercebido.»

O *Corriere del Ticino*¹¹ – que consagra seis artigos ao acontecimento! – depois de ter sublinhado os erros graves cometidos por D. Carlos e pelo seu primeiro-ministro, escreve no dia 4 de Fevereiro:

«Os assassinos foram, ao que tudo indica, os executantes de uma sentença emitida por um tribunal político, ou seja, por conspiradores. Estes e os seus cúmplices adoptaram o sistema dos terroristas russos que, como se vê, faz escola.»

A tese do *complot* político é também defendida pelo *Journal de Genève* de 3 de Fevereiro. O mesmo artigo enumera os males que conduziram ao regicídio: aponta ao rei D. Carlos e aos partidos tradicionais a responsabilidade pela degradação do clima político e financeiro em Portugal. Critica sobretudo o rei por ter permitido a João Franco governar sem consultar o Parlamento desde 1907¹². Outra crítica diz respeito à ganância desmesurada da família real.

No dia 13 de Fevereiro, o diário liberal de Genebra, que decididamente não usa rodeios, acusa abertamente os republicanos portugueses:

«Neste momento, não é possível sustentar mais a dúvida. E apesar da reprobção expressa pelos líderes republicanos refugiados em Paris, é claro que foi este partido que preparou e executou o assassinio.»

«Quem beneficia com este crime?» pergunta-se na edição de 6 de Fevereiro o editorialista do *Tribune de Genève*, que exclui de imediato os republicanos e os legitimistas de D. Miguel, inclinándose para um *complot* orquestrado por um pequeno grupo de pessoas.

O *Bund*¹³ publica uma retrospectiva histórica do reinado do «gordo e *bon vivant*»¹⁴ D. Carlos que, sublinha o jornalista de Berna, não era nem antipático nem tirano, mas também não era um homem notável e, sobretudo, não era um benfeitor do povo. De facto, não teve essa oportunidade, porque herdou do seu pai uma situação pouco brilhante. Não realizou entretanto nada de significativo durante o seu reinado, ainda que fosse pouco, para melhorar a situação do país. Para o diário de Berna não há dúvida: os responsáveis não são o povo nem os partidos políticos, mas o próprio rei e o seu primeiro-ministro. Espezinharam os direitos do povo e isso não podia durar, qualquer coisa teria que acontecer.

O *NZZ*, como já referimos, toma partido por João Franco, e considera injustas as acusações que o responsabilizam pela catástrofe. Em todos os artigos sobre Portugal, o jornal de Zurique defende a política do primeiro-ministro português.

Depois dos acontecimentos trágicos do 1º de Fevereiro, o *NZZ* não abandona o seu protegido. Considera que as acusações de vários sectores dirigidas ao primeiro-ministro, e retomadas pela imprensa mundial, são totalmente infundadas. Assinala, por exemplo, que se os assassinos se puderam aproximar tão facilmente da família real – e sendo esta uma das principais críticas

¹¹ Fundado em 1891, por Agostino Soldati, este jornal representa a corrente «liberal» dos católicos de Tessin. Promove um entendimento com os radicais e a superação das querelas religiosas, mas é muito conservador no plano social.

¹² O *Tribune de Genève* de 4 de Fevereiro retoma o mesmo argumento: «A génese desta catástrofe deve ser atribuída à ditadura prolongada permitida pelo rei a João Franco» É um risco para um Estado constituído sobre bases constitucionais suspender os privilégios de uma forma arbitrária. O resultado é naturalmente um sentimento de mal-estar que gera as condições de uma revolução que ameaça a ordem e a segurança públicas».

¹³ «Königsmord in Portugal», *Der Bund*, 3/4 Fevereiro de 1908. Este artigo ocupa praticamente toda a primeira página.

¹⁴ «Carlos o Gordo» escreve o *Tagblatt der Stadt St. Gallen* de 3 de Fevereiro, que também se refere às actividades artísticas e científicas do rei assassinado.

dirigidas a Franco – isso significa que certos polícias faziam parte do *complot* e não estavam nos seus postos¹⁵. Segundo o editorialista do *NZZ*, o novo governo não conseguirá acalmar os republicanos e compreenderá que o método de João Franco era o único possível. Seria ele o homem de punho forte capaz de pôr fim aos abusos e à corrupção recorrentes desde há décadas em Portugal, se não tivesse sido afastado¹⁶.

O *NZZ* reflecte assim a opinião dos jornais portugueses favoráveis ao antigo primeiro-ministro e não acredita no sucesso de um governo republicano num país em que quatro quintos da população é analfabeta¹⁷. Qual é a razão desta simpatia por João Franco? Será a preocupação com a ordem? Existirão relações entre a família do antigo primeiro-ministro – casado com uma Schindler de Zurique – e o jornal radical? Neste ponto da investigação, apenas podemos colocar isso como hipótese.

Segundo o *Basler Nachrichten*, é demasiado fácil culpar João Franco, considerando, em consonância com o *NZZ*, que a ditadura não conduziria necessariamente ao regicídio. Franco era um político honesto que queria reformar a administração pública portuguesa. Era destino do rei morrer assassinado¹⁸.

Por seu lado, o *Berner Tagblatt*¹⁹, pouco surpreendido com «essa terrível catástrofe», admite que Franco agiu sem respeitar a lei, mas reconhece que prestou imensos serviços ao seu país.

Segundo o *Tribune de Genève*, de 4 de Fevereiro de 1908, o único erro de Franco, «homem de energia e consciência», foi ter prolongado demasiado «esse interregno parlamentar que permitiu a certos elementos descontentes agruparem-se e prepararem a queda da dinastia».

Os jornais católicos dão um relevo especial a este acontecimento. *La Liberté* dedica-lhe a primeira página inteira no dia 3 de Fevereiro. Tal como os outros jornais, interroga-se sobre a identidade dos culpados. Oscila, sem ser conclusivo, entre o atentado anarquista e o *complot* organizado pela oposição política. Segundo este jornal, os republicanos poderão estar envolvidos.

No dia 3 de Fevereiro, *La Liberté* expressa a esperança de que o governo português aproveite o movimento de solidariedade provocado pelo assassinio para se desembaraçar dos agentes de perturbação. No dia seguinte, muda de tom e critica a recondução dos dois partidos tradicionais na nova composição do governo português.

«A ganância vai reinstalar-se; a clientela do governo vai disputar as regalias; o programa destes dois partidos é enriquecer nos lugares públicos. A obra de saneamento de Franco é interrompida por um longo período de tempo, ou mesmo para sempre»

Assinala-se que a análise de *La Liberté* se junta às do *NZZ* e do *Basler Nachrichten*. Franco não terá possibilidade de completar a sua obra, e tudo voltará ao que era antes, com os políticos a encher os bolsos.

O *Vaterland* e o *Ostschweiz* sublinham também o bom trabalho do antigo primeiro-ministro. O diário de Lucerna ataca sobretudo os grupos anarquistas que não conhecem limites no seu ódio

¹⁵ Cf. *NZZ* de 4 et de 6 de Fevereiro de 1908.

¹⁶ Cf. especialmente o artigo publicado depois das eleições de Abril de 1908 ete o balanço do ano de 190. *NZZ*, 6 de Janeiro de 1909.

¹⁷ *NZZ*, 6 de Fevereiro de 1908. *L'Emmenthaler-Blatt* de 8 de Fevereiro e o *Tagblatt der Stadt St. Gallen* de 11 de Fevereiro defendem também esta perspectiva.

¹⁸ *Basler Nachrichten*, 4 de Fevereiro de 1908. O *Berner Tagblatt* – pouco surpreendido pelos acontecimentos – admite que Franco agiu sem respeitar a lei, mas considera que prestou um bom serviço ao país.

¹⁹ *Berner Tagblatt*, 5 de Fevereiro de 1908.

contra a sociedade²⁰. O diário de Saint Gall, por seu lado, não acredita numa mudança de regime sem derramamento de sangue²¹. Mostra-se também muito céptico em relação ao novo governo formado depois do regicídio, uma aliança entre os «regeneradores» e os «progressistas», unidos pela sua oposição ao regime de Franco. Não se poderão entender no que respeita à resolução de problemas de fundo²².

Outros três jornais católicos fazem uma análise mais «religiosa» dos factos. Segundo o *Popolo e Libertà*, não são causas políticas que estão na origem do drama de Lisboa, mas antes «uma nova moral que suprime o respeito por Deus»²³.

O jornalista de Tessin é muito crítico em relação aos que aplaudem os assassinos e os aclamam como libertadores da sociedade²⁴. Comparam os regicidas de Lisboa aos responsáveis da revolução radical de Tessin de 1890 que fez uma vítima, o conselheiro de Estado católico Luigi Rossi.

O *Nouvelist Valaisan*, a 6 de Fevereiro, faz referência ao mesmo acontecimento. O exemplo vem de cima, segundo o jornal de Saint-Maurice. Na universidade admiram-se os assassinos políticos, nas cerimónias da franco-maçonaria dá-se um punhal ao candidato que tem de desferir um golpe num manequim que personifica um tirano. Não é de espantar que «a população exaltada retome e dê continuidade a essas tradições». E o jornalista de Valais acrescenta:

«Imagine-se um português, ou seja, um homem com imaginação fértil e sangue quente, lendo diariamente no jornal palavras de ódio contra o seu rei, contra tudo o que representa a autoridade, e recordando que certos crimes políticos são considerados pela História actos de valor patriótico. Este português diz a si mesmo: “Quero ser um herói; quero santificar-me por amor ao meu país, contribuindo para que se livre dos tiranos.”

De todas as formas de sacrifício, os assassinos do rei D. Carlos e do seu filho não escolheram o mais indicado. Se tivessem exposto a sua alma a um bom padre, ele ter-lhes-ia mostrado outros horizontes e provado que os santos não recorreram ao revólver e à carabina para aceder à santificação.»

A análise do *Courrier de Genève* é próxima da de outros jornais católicos. Depois de fazer o elogio do rei assassinado, morto em combate, «no seu posto, em plena batalha»²⁵, elogia Franco, político «jovem, inteligente, muito rico, íntegro, enérgico»²⁶, cujo afastamento lamenta. O diário católico de Genebra retoma o tema da perda dos valores cristãos e aproveita a ocasião para criticar as lojas maçónicas:

«As facções maçónicas perverteram o sentido cristão das vítimas ao serviço das suas acções. A revolução maçónica empenhou-se desde há muitos anos no domínio de Espanha e Portugal para destruir o cristianismo nesses países.»

²⁰ *Vaterland*, 4 de Fevereiro de 1908.

²¹ *Die Ostschweiz*, 8 de Fevereiro de 1908.

²² *Die Ostschweiz*, 22 de Fevereiro de 1908.

²³ «Nota de sangue», *Popolo e Libertà*, 3 de Fevereiro de 1908. Os acontecimentos de Lisboa ocupam 60% da primeira página com o título «Massacre do rei e do príncipe de Portugal», e os retratos das duas vítimas, de Franco e da rainha Amélia

²⁴ *Caserio, Luccheni, Bresci, os criminosos de Belgrado, os opositores do Rei de Espanha e os assassinos do rei de Portugal e do seu primogénito quiseram proclamar-se e proclamam-se destinados a libertar a sociedade dos tiranos, de reconduzirem o Estado e o mundo à liberdade, e encontraram sempre vozes e mãos prontas a aplaudir-los.*

²⁵ «O rei D. Carlos», *Courrier de Genève*, 5 de Fevereiro de 1908.

²⁶ «A ditadura portuguesa», *Courrier de Genève*, 6 de Fevereiro de 1908.

A resposta do jornal dos radicais do mesmo cantão não se fará esperar. Num artigo publicado no dia 7 de Fevereiro, *Le Genevois* aconselha os católicos a arrumarem primeiro a sua casa:

«O Courier de Genève terá a gentileza de nos explicar que responsabilidade atribui à acção maçónica no regicídio de 1539, em plena Liga, executado pelo monge Jacques Clement contra o muito cristão rei Henri III?»

O Courier de Genève poderia também aproveitar a ocasião para nos esclarecer o que pensa da influência maçónica no que diz respeito aos sermões dos arrebatados pregadores da Liga depois da renúncia de Henri IV, em que estes homens de Deus divulgavam a alegada prova da “conversão simulada” do rei e defendiam claramente o seu afastamento por meios violentos. Assim que o Courier tiver explicado os regicídios em nome da Igreja ou preconize o regicídio como um valor aos olhos de Deus, estará qualificado para se intrometer nos assuntos do templo maçónico.»

O diário radical condena sem rodeios o crime para o qual não encontra nenhuma justificação, apesar da política reaccionária do rei nas semanas anteriores, mas também não acredita no envolvimento dos republicanos no atentado²⁷.

Os radicais jurassianos alinham pela mesma bitola. O jornal *Le Démocrate*, de Delémont, a 5 de Fevereiro, prevê que o sangue derramado causará um enorme prejuízo aos republicanos portugueses, designados pela direita como bodes expiatórios: um sonho parece desabar para este «belo país», porque a única solução possível para o futuro – a instauração da república – pode ter ficado hipotecada por este crime sangrento.

Resumindo, podemos dizer que os jornais suíços que condenam o assassinato atribuem-lhe explicações divergentes. Uns acusam o rei e Franco²⁸, outros acusam a propaganda da oposição, outros culpam os anarquistas e ainda há quem invoque o destino. Se os jornais católicos apoiam o antigo primeiro-ministro e acusam quase abertamente os republicanos, e sobretudo os franco-maçons e os anarquistas, a imprensa radical – que tem tendência para sobrevalorizar o peso numérico dos republicanos em Portugal – não é unânime. Os radicais de Zurique e os liberais de Bâle defendem a política de Franco e manifestam muitas reservas quanto aos republicanos; por seu lado, o *Bund*, o *Tagblatt der Stadt St. Gallen*, *Le Genevois*, *Le National Suisse* e *Il Dovere* condenam firmemente a ditadura de Franco que só pôde instalar-se com o aval de D. Carlos.

*La Revue*²⁹ é mais matizada tal como o *Journal de Genève*, a *Gazette de Lausanne* e o *National Zeitung*, de Bâle, que oscilam entre a crítica dos métodos anticonstitucionais de Franco e a necessidade de tomar medidas firmes para fazer Portugal sair do marasmo.

La Libre Pensée, órgão maçónico da Suíça Francesa, manifesta uma opinião muito diferente. Nada indignado com os acontecimentos do 1º de Fevereiro, lembra antes que a perda causada por uma morte a uma sociedade é proporcional ao valor do morto:

*«Um cientista morto, um Pasteur ou um Berthelot, ou um pensador, um Zola, um Carducci, um Spencer, ou um idiota de nascença, um epilético internado há 20 anos num hospício, serão perdas igualmente irreparáveis para a humanidade? [...] Só os imbecis e os incuráveis causam custos que não têm contrapartidas.»*³⁰

²⁷ *Le Genevois*, 4 de Fevereiro de 1908. O *Berner Tagblatt* de 3 de Fevereiro afasta a hipótese de um atentado anarquista; no dia 5, o jornal de Berna expressa a sua incredulidade quanto à responsabilidade do partido republicano, «demasiado frouxo» e «incoerente»

²⁸ Segundo o *Emmenthaler-Blatt* de 8 Fevereiro, D.Carlos e Franco dividem a responsabilidade em partes iguais.

²⁹ *La Revue*, 3 de Fevereiro de 1908.

³⁰ *La Libre Pensée*, 8 de Fevereiro de 1908.

Depois desta observação agressiva e peremptória, o jornal investe contra o falecido rei D. Carlos:

«Trata-se de um parasita que custa anualmente 40 milhões, cuja pessoa é inviolável, acima da lei, que governa mas não é responsável, que tendo gasto mais do que lhe competia, se defende suspendendo as garantias constitucionais, que falsifica as eleições enchendo até ao limite as urnas de falsos boletins, um homem de má fé que não produz nada, não melhora nada, firmemente decidido a manter o povo no seu estatuto, miserável e iletrado, um parasita, absurdo ídolo nacional, de manutenção cara e excessiva.»

A vingança popular é, portanto, lógica e previsível. Manuel Buíça é comparado ao próprio Guilherme Tell!

«Um Tell mata um Gessler, um Manuel Buíça mata um D. Carlos; não admira; a cólera humana não raciocina. D. Carlos morreu, em que pode isso beneficiar os velhos republicanos? Viva as Repúblicas!»

Le Volksrecht retoma o tema num artigo intitulado «O assassínio de um tirano»³¹. Recusa a tese de um *complot* anarquista ou socialista. Foram os burgueses que pegaram nas armas por não suportarem mais a opressão de um parasita sem pudor. Assassinaram um monarca que vivia sumptuosamente às custas de um povo, pelo qual nunca manifestou mais do que um vil desprezo. D. Carlos suscitou o ódio pelas suas contínuas provocações. Isso acabou em sangue. No entanto, acrescenta o diário de Zurique, só os burgueses estão implicados neste caso que não comoveu muito a Europa.

Dez dias mais tarde, o diário socialista de Zurique volta à questão do peso dos republicanos portugueses na opinião pública. Não é muito optimista. O país está a braços com 80 por cento de analfabetos e só uma pequena minoria se interessa pela política. Não há operários nem camponeses no partido republicano. A revolução não é para amanhã. E o *Volksrecht* conclui:

*«Os assassinos foram enterrados nestes dias, sem que saibamos a que partido eles pertenciam. Nesta tragicomédia, eles parecem ter sido os únicos intrépidos.»*³²

O diário socialista *Basler Vorwärts* vê nos recentes acontecimentos de Lisboa a prova de que a forma monárquica do Estado é prejudicial e absurda. Na situação crítica que atravessa Portugal, tiveram que coroar uma criança que não compreende melhor do que um jovem camponês o que significa governar³³.

Na Suíça Francesa, o *Peuple Suisse*, jornal socialista e sindical não tem dúvidas quanto às responsabilidades dos republicanos portugueses:

*«A imprensa burguesa fez todos os possíveis para colocar nos anarquistas a responsabilidade do atentado de Lisboa, mas parece que foi em vão. O golpe partiu evidentemente dos meios republicanos burgueses.»*³⁴

³¹ «Ein Tyrannenmord», *Volksrecht*, 4 de Fevereiro de 1908.

³² *Volksrecht*, 14 Fevereiro de 1908.

³³ *Basler Vorwärts*, 4 de Fevereiro de 1908.

³⁴ Charles Naine, «De profundis», *Peuple suisse*, 19 de Fevereiro de 1908.

Apesar de lamentar as vítimas inúteis, este jornal critica a atitude do governo helvético:

«Também são repugnantes as bajulações do Conselho Federal, que não sabe nada da nossa história. Não seria mais de acordo com a tradição suíça, se tivessem enviado aos republicanos portugueses um Guilherme Tell em bronze?»³⁵

Segundo o mesmo jornal, o desaparecimento do rei é um bem para os portugueses: desencadeou «uma mudança feliz».

No Tessin, o *Azione*, diário da esquerda radical, dedica três comentários ao acontecimento. Segundo o seu redactor, o povo português perdeu a paciência em relação à «violência bestial» e à «violenta tirânica» do regime. Estava em situação de «legítima defesa»³⁶ e tinha o direito de abater o seu tirano!

Apesar de admitir que perante a morte, a pena do jornalista se inibe, o *Aurore*, órgão do partido socialista de Tessin, não poupa D. Carlos, considerando que um bom atirador foi morto por outros hábeis atiradores. Compara o rei ao seu bisavô materno:

«Talvez pudesse ter sido, apesar de todos os seus defeitos, um bom artista, um pai razoável, um burguês gordo a gastar as suas rendas...mais ele quis ser um pobre rei sem inteligência e sem coração, ainda mais indeciso e hesitante do que o seu bisavô materno, Charles Albert, rei de Piémont, traidor e assassino daqueles que, na sua juventude, o ajudaram a subir ao trono.»³⁷

E o jornalista justifica o regicídio:

«O dono da casa pode mandar embora um hóspede que o incomoda; os portugueses assumiram o direito de expulsar um rei que já não os servia, que lhes causava problemas, que os empobrecia e que os fazia regredir no caminho da civilização.»

A imprensa de esquerda é praticamente unânime na aprovação desta «justiça popular».

Il Ragno, semanário satírico, no seu número de 8 de Fevereiro, publica um diálogo entre duas personagens, Paul e Ghita, que se encontram em Lugano. Apresentamo-lo aqui porque mostra como a notícia do atentado se difundiu, pelo menos nas cidades.

(Borgia, o vendedor de jornais passa e grita: «Secolo-Corriere, com os detalhes do assassinato do rei de Portugal».)

Paul: Quem é que mataram?

Borgia: O rei de Portugal.

Paul: Quem?

Guita: Ele disse que foi o rei de Portugal.

Paul: Era gordo?

Borgia: Tinha mais de cem quilos.

Paul: Bom, não me venha com aldrabices!

Borgia (mostrando-lhe o Tempo): Vá, leia!

Paul: Quanto custa?

³⁵ *Peuple suisse*, 8 de Fevereiro de 1908. É a terceira vez que este jornal insiste na questão!

³⁶ «A tragédia de Lisboa», *Azione*, 5 de Fevereiro de 1908.

³⁷ «A tragédia de Vila Viçosa», *Aurora*, 8 de Fevereiro de 1908.

Borgia: 5 cêntimos. Um caixão é mais caro.

Paul: Está bem, dê-me um. Leio um bocado enquanto vou a caminho de casa. O preço da fruta vai descer agora que mataram o rei de Portugal.³⁸

Uma semana mais tarde, o mesmo semanário reproduz um texto do seu “correspondente” em Lisboa que descreve o que se passou na Praça do Comércio nesse sábado 1º de Fevereiro. É um texto tragicómico redigido numa mistura de espanhol e italiano. O facto de um jornal satírico regional referir o regicídio de Lisboa duas vezes é uma prova suplementar do eco que este acontecimento teve na Suíça.

Quanto às consequências do atentado, verifica-se que certos jornais oscilam entre um certo pessimismo, perceptível em artigos do *La Liberté*, de 4 de Fevereiro, e da *Gazette de Lausanne*, de 22 de Fevereiro, e alguma esperança expressa pelo *Corrière del Ticino*, do dia 6 de Fevereiro. Este jornal considera que o novo regime começou bem, mas aconselha os partidos rotativistas a corrigir os maus hábitos que quase levaram o Estado à falência. O jornal *Le National Suisse* de dia 12 de Fevereiro, por seu lado, congratula-se com a atitude do jovem Manuel II que renunciou à vingança.

A aparente indiferença do povo português impressiona particularmente os observadores. Cita-se aqui o que o jornal *Le Genevois* escreveu a propósito dos funerais reais:

«[...] há alguma emoção na multidão? Não a vejo, nem compreendo o ambiente vivido. As pessoas riem-se, cantam, juntam-se, empurram os soldados que fazem barreira, andam à pancada, pedem explicações, têm curiosidade, mas não estão comovidas. Apelando às nossas memórias dos franceses, comentávamos ontem, entre amigos:

Que diferença, em relação aos acontecimentos que se seguiram ao assassinato de Sadi-Carnot em Lyon [...]

Nesta situação, ninguém chora. Apenas esperam com impaciência o início de um espectáculo considerado apelativo, e mais nada.³⁹

Se o desaparecimento do rei D. Carlos e do seu filho não suscitam emoção em Lisboa, sintoma evidente do descrédito em que tinha caído a família real, os túmulos dos dois regicidas tornam-se rapidamente objecto de veneração popular. O *Journal de Genève* de 13 de Fevereiro mostra-se surpreendido e perturbado com este facto. Pretende ver na popularidade dos assassinos a prova de que os republicanos estão envolvidos no crime.

O futuro da dinastia de Bragança parece muito comprometido, segundo o redactor de Genebra, porque o ódio associado ao nome do rei é profundo. O partido republicano português, que instiga este ódio, é o responsável. A *Gazette de Lausanne*, a 22 de Fevereiro, pela pena de Albert Bonnard, partilha esta perspectiva. As concessões feitas pelo governo (libertação de prisioneiros políticos, anulação de decretos autoritários), não favorecerão a causa da monarquia.

«E agora?

Ninguém seria capaz de rejeitar o novo rei. Mas não parece que lhe levem suficientemente a bem as suas concessões para que o seu trono se possa considerar consolidado. Por toda a parte, consideram-nas antes prova de fraqueza e de receio. Aparentemente, só um milagre poderia salvar a dinastia portuguesa.»

O futuro só lhe dará razão.

(Tradução de Clara Roldão Pinto Caldeira)

³⁸ No dialecto de Tessin, o termo «português» designa as laranjas e em certos sítios, as tangerinas

³⁹ Jean Servien, «Na capital portuguesa», *Le Genevois*, 14 de Fevereiro de 1908. O artigo data de dia 8.

Pharisäer.



«O coro dos medrosos»: «*Senhor, agradeço-te por não ser como aqueles*» Sob o título «Fariseus», o *Nebelspalter* de 8 de Fevereiro de 1908 apresenta os principais chefes de Estado europeus e dos Estados Unidos ainda vivos. Da esquerda para direita: Victor-Emmanuel III, Armand Fallières, Alfonso XIII, Eduardo VII, Nicolas II, Francisco-José, Guilherme II, o Sultão Abdül-Hamin e Theodore Roosevelt.

Principais jornais consultados

Jornais	Cantão	Tendência	Fundação	Tiragem em	
				1896	1913
<i>Gazette de Lausanne</i>	Vaud	liberal	1798	5 400	11 000
<i>Journal de Genève</i>	Genebra	liberal	1826	6 900	8 200
<i>Basler Nachrichten</i>	Basileia	liberal	1845	?	10 500
<i>Berner Tagblatt</i>	Berna	lib.-conservador	1888	5200	8000
<i>National Zeitung</i>	Basileia	radical	1842	14 500	25 000
<i>NZZ</i>	Zurique	radical	1780	10 500	25 000
<i>Der Bund</i>	Berna	radical	1850	6 900	21 000
<i>Emmenthaler-Blatt</i>	Berna	radical	1845	21000	21100
<i>La Revue</i>	Vaud	radical	1868	6 500	8 500
<i>Le Genevois</i>	Genebra	radical	1875	4 900	7 000
<i>Der Landbote</i>	Zurique	radical	1834	750	2 000
<i>St Galler Tagblatt</i>	San Gallo	radical	1839	7 200	12 600
<i>Dovere</i>	Ticino	radical	1877	1 400	4 000
<i>Le Démocrate</i>	Berna (Jura)	radical	1877	500	4 500
<i>National Suisse</i>	Neuchâtel	radical	1856	5 200	?
<i>La Liberté</i>	Friburgo	católico	1871	2 900	6 400
<i>Courrier de Genève</i>	Genebra	católico	1868	3 900	?
<i>Vaterland</i>	Lucerna	católico	1833	8 000	14 700
<i>Die Ostschweiz</i>	San Gallo	católico	1874	4 500	6 000
<i>Popolo e Libertà</i>	Ticino	católico	1859	1 900	4 500
<i>Nouvelliste</i>	Valais	católico	1903	—	6 100
<i>Corriere del Ticino</i>	Ticino	católico-lib.	1892	1 800	1 800
<i>L'Aurora</i>	Ticino	socialista	1901	—	2 500
<i>Berner Tagwacht</i>	Berna	socialista	1893	2900	7 800
<i>Volksrecht</i>	Zurique	socialista	1898	—	16 500
<i>Basler Vorwärts</i>	Basileia	socialista	1886	4 500	6 000
<i>Le peuple de Genève</i>	Genebra	social.-sind.	1895	2 500	3 000
<i>La Libre Pensée</i>	Vaud	maçónico	1905	—	?
<i>Tribune de Genève</i>	Genebra	indep. direita	1875	21 000	28 000

